

(IN) VISIBILIDADES, EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS DE MULHERES LÉSBICAS NA HISTÓRIA

Isadora Lima de Souza

Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo a pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM. isadoralima694@gmail.com;

Lidiany de Lima Cavalcante

Doutora em Sociedade e Cultura da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, profa.lidiany@gmail.com (orientadora);

Marjory Batista da Rocha

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, marjory.rocha.97@gmail.com Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Amazonas

Resumo

A identidade feminina foi inferiorizada e historicamente invisibilizada, sendo controlada por mecanismos padronizantes da conjuntura social e cultural como o patriarcado. É nítido que a inclusão do debate sobre a sexualidade é algo complexo, por ainda dispor de memórias e significados causadores de batalhas, ódios e incompreensões, a lesbofobia exemplifica bem as consequências da questão. Para abrir a caixa de pandora das expressões da sexualidade lésbica, sobre os padrões heteronormativos, culturas e historicidade social, formas de vivências das sexualidades, orientações sexuais, identidades de gênero, além dos aportes sobre patriarcalismos e traços de misoginia, a fim de tecer parâmetros efetivos, concernentes ao processo de construção e desconstrução das identidades lésbicas na história. Dessa forma, este estudo se apresenta como uma reflexão teórica

com base sobre os processos de visibilidades e resistências de mulheres lésbicas no bojo do processo histórico, com informações pautadas em análises bibliográficas e historiográfica. Os resultados apontaram que grande parte dessas mulheres, historicamente, só puderam viver sua orientação sexual, a partir da travestilidade masculina frente a um mutismo absoluto. Outras que arriscaram se expor, foram silenciadas pelo “pecado” de nascerem mulheres.

Palavras-chave: Lesbianidade, História, Mulheres e Resistências.

Introdução

Ser mulher lésbica é um desafio, além de sofrer pelo fato de ser mulher, existem grandes obstáculos causados pelo preconceito que está enraizado na sociedade. Considerando que nossa sociedade é heterocompulsória, todos são heterossexuais mesmo que se prove o contrário, pois o padrão heteronormativo é imposto desde o momento que nascemos. Nesse cenário as mulheres lésbicas acabam tendo suas relações invalidadas. Foi a partir dos movimentos sociais que surgiram no final dos anos de 1960, que o debate da sexualidade assume visibilidade ao ser pensado além da sua dimensão estritamente biológica, trouxeram para o debate, questões que transitavam em torno do reconhecimento das identidades sexuais (SANTOS, 2009).

A mulher lésbica precisa reafirmar sua sexualidade a todo o momento, sair do armário repetidas vezes, por isso a necessidade de lutar contra o sentimento de vergonha, de insegurança e buscar o empoderamento através da resistência. Sendo assim, é essencial trazer visibilidade à história de mulheres que foram consideradas transgressoras por estarem a margem de padrões já predeterminados, cada uma com sua peculiaridade e identidade, em diferentes contextos históricos.

Segundo Rich (2010) não se tinha acesso a conhecimento da existência de mulheres lésbicas na história, essa negação é uma forma ideológica de acabar com qualquer vestígio da existência dessas mulheres. “É fato que a homossexualidade sempre existiu no processo histórico da humanidade, mas ainda é muito forte o preconceito contra a orientação homossexual.” (CARVALHO, CAVALCANTE, 2012, p. 5). Nesse sentido, é de suma importância destacar mulheres que estiveram presentes durante esse processo, revolucionando o que é ser mulher, indo além de questões de gênero e sexualidade.

Sendo assim, será discutido aqui como é construída a identidade do sujeito feminino na sociedade, considerando diferentes momentos históricos e sociais. Tendo em vista a relevância da construção da identidade da mulher lésbica e sua presença na história para evidenciar a existência e a resistência. Realizada por meio de levantamento bibliográfico e documental em livros, periódicos e artigos científicos. Ao final, será apresentada o resultado da pesquisa que foi realizada, entrelaçando os dados obtidos na pesquisa documental com os referenciais bibliográficos.

Metodologia

O presente estudo objetivou refletir sobre a construção histórica, social e cultura acerca das identidades de mulheres lésbicas.

O método de abordagem utilizado neste projeto foi o dialético, uma vez que ele nos permitirá abordar a realidade em uma relação permanente entre o particular e o geral, e que nos possibilita apreender aspectos históricos, econômicos, sociais, políticos, ideológicos e culturais que envolvem o objeto a ser estudado. (SEVERINO, 2007)

A pesquisa teve natureza qualitativa, tendo em vista a necessidade de buscar aportes na História Social, a qual segundo Darnton (1990) permite o resgate da historiografia, não no sentido de fomentar um passado único, mas por utilizar-se das várias interpretações para compor um estudo, principalmente de temas que se retratam em lacunas na perspectiva social e cultural.

Nesse âmbito, a primeira fase consistiu no levantamento bibliográfico e documental em livros, periódicos e artigos científicos que subsidiarão todo o processo investigativo, bem como a estruturação preliminar que será utilizada como base para a construção do trabalho. A posteriori, selecionou-se trabalhos e notícias de época, caracterizados pelos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, no que se refere a dissertações, teses e material audiovisual como filmes e documentários sobre o contexto de inserção de mulheres lésbicas no âmbito histórico.

Por fim, os dados foram apresentados de forma qualitativa, tendo o seu conteúdo analisado com base no referencial teórico e documental, buscando o desvelar da realidade a ser explorada, verificando possibilidades de mudanças e construção de novas perspectivas acerca do objeto de estudo, o que permitiu tecer análises relevantes sobre a temática em discussão.

Resultados e discussão

Mulheres na História

É muito importante estarmos em alerta para a facilidade quanto ao apagamento de mulheres da história, afinal até pouco tempo atrás a história era escrita e contada pela visão dos homens. A sociedade

em si é construída a partir das estruturas do sistema patriarcal e, entre os pilares que o sustentam temos a primícia da dominação masculina, por exemplo na ciência: Pierre Curie é um nome de referência nos estudos sobre radioatividade e que foi indicado para receber o prêmio Nobel de Física em 1903, casado com a também cientista, Marie Curie. A história desse casal é o reflexo de uma sociedade extremamente machista, pois ao ser indicado ao Prêmio Nobel de Física em 1903, Pierre Curie questionou a omissão ao nome de sua esposa na premiação, afinal a mesma havia colaborado para o sucesso de seus estudos e experimentos.

Marie Curie integra a pequena lista de cientistas que conquistou o prêmio Nobel, uma das condecorações hoje consideradas das mais louváveis na comunidade científica, e ainda com a façanha de tê-lo recebido por duas vezes. Além disso, é a única que recebeu o prêmio em categorias diferentes: o primeiro em Física, em 1903, dividido com Pierre Curie e com Henri Becquerel; e o segundo, sozinha, em Química, no ano de 1911. (PUGLIESE, 2009, p. 17)

A dedicação de Marie Curie à ciência durou até os últimos dias de sua vida, devido a longa exposição à radiação, morreu de leucemia em 4 de julho de 1934.

As pesquisas sobre a radioatividade enunciadas por Marie Curie, não só criaram outra possibilidade para a física e para a química, como também para outros homens e mulheres na ciência. Mudanças ocorreram na medicina, com a radioatividade aplicada resultando, entre outras coisas, na possibilidade da cura do câncer, o que afetou até mesmo a economia pelo fato de o rádio passar a ser o elemento químico mais caro do mundo. (PUGLIESE, 2009, p. 17).

Isso porque a mulher até o início do século XX precisava pedir autorização do marido para determinadas atividades que fosse realizar, como viajar por exemplo. A mulher era vista como propriedade do homem. A heterossexualidade compulsória se mostra um conceito útil para pensar como, as relações hierárquicas de poder são estabelecidas, mantidas e atualizadas (RICH, 2010)

Além de ser inferiorizada ao longo da história da humanidade, o sujeito feminino é tido como a referência de pecado, no discurso

religioso Eva é responsabilizada pelo ato de Adão, ao trazer o pecado ao mundo, e por isso a mulher teria que aguentar como punição, a dor do parto e, ao se casar, a dominação de seu marido. Mais adiante na bíblia é estabelecido o lugar da mulher em sociedade, de sujeição, assim como a igreja é sujeita a Deus (ARMSTRONG, 2011).

Para a mitologia grega a mulher é a origem do caos, há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher (BEAUVOIR, 2016). No discurso mitológico temos Pandora que é a primeira mulher criada por Zeus, é considerada a ruína do homem. Através de Pandora, é criado o mal, um tipo de mal específico, o mal do engano, que é atraente, que parece ser algo bom, mas que esconde coisas terríveis por dentro (LAURIOLA, 2005). Historicamente quase todas as civilizações e suas religiões condenavam a figura feminina a ser inferior, a ser o mal que há na terra e que para estar sob controle precisa do homem.

A mulher tem sua sexualidade negada, desejos e prazeres negligenciados, pois se acredita a partir da visão do patriarcado que a mulher foi feita apenas para reprodução, o que é sustentado ainda pela Bíblia, pois a mulher estaria condenada a sentir dor no parto e a ser dominada pelo homem. A sexualidade e a independência da mulher eram motivo de punição em períodos históricos como o da Inquisição, onde a figura feminina é acusada de bruxaria ao fugir do que se determina como padrão, a mulher pura e submissa como era pregado pela igreja católica. Encontramos registros dessas afirmações no *Malleus Maleficarum* de 1468 escrito por padres inquisidores, um manual de caça às bruxas. A caça às bruxas durou aproximadamente três séculos, começando aproximadamente em 1450 e terminando em 1750 com a ascensão do Iluminismo.

Sexualidade à Luz da Identidade Feminina

Por muito tempo os debates que envolviam a sexualidade foram estigmatizados, tratava-se de um assunto privado que não devia ser discutido, apenas ignorado. Segundo Louro (2000), deveria ser falado apenas com alguém muito íntimo e, de preferência, de forma reservada. Da mesma forma, Foucault (1998) afirma que o sexo, só devia ser discutido entre quatro paredes, por um casal heterossexual, de preferência casados, tudo isso por se tratar na verdade de um dispositivo de controle.

Apesar disso, a sexualidade não era relacionada aos determinantes sociais, segundo Louro (2000),

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos “naturalmente”. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. (LOURO, 2000, p.6).

Entretanto essa não é uma realidade universal, e é quase irracional acreditar que todos nós vivemos nossos desejos e prazeres da mesma forma. “A sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais.” (LOURO, 2000, p.7).

A repressão, alinhada perfeitamente ao discurso dominante, aparece nas falas contemporâneas, sustentando de forma sistemática o segredo. A repressão sexual em certo sentido cria uma série de medos, códigos e normas situadas em tempos diversos e com artefatos culturais que reafirmam a dominação do sexo. (FOUCAULT, 1998)

Trançando um histórico para a manutenção da repressão sexual a partir das considerações de Foucault, inicialmente as expressões da sexualidade eram condenadas como pecado a partir dos dogmas perpetuados pela igreja desde a idade média, que utilizava o dispositivo de confissão para controle da população. Já no séc. XVIII e XIX, as práticas consideradas indecentes eram condenadas como crime, para esse fato temos como exemplo Enriqueta Fávez, condenada pela corte da Santa Inquisição por se passar por homem e se casar com outra mulher com as bênçãos da igreja católica.

Pero, además, que se atreviera a violar los designios de la Iglesia para tener una relación condenada como antinatural, hicieron del juicio de Enriqueta una representación fiel de un tribunal de la Santa Inquisición, al llamarla monstruo, criatura infeliz y descargar sobre ella todo tipo de improperios (PAGÉS, 2012, p.16)

No Arquivo Nacional de Cuba (ANC) pode-se encontrar a *Causa criminal contra Doña Enriqueta Favez por suponerse varón y en traje*

de tal haber enganado a Doña Juana de León con quien contrajo legítimas núpcias. É imprescindível trazer à baila que o sujeito feminino historicamente sofre com a opressão do patriarcado e seus mecanismos heteronormativos, que por consequência, determinam as razões para que a heterossexualidade seja considerada a orientação sexual aceita socialmente. Logo a orientação sexual se determina pelos sentimentos, sendo assim qualquer sentimento afetivo-sexual entre duas mulheres é condenado por fugir a norma dos padrões heterossexuais.

O Lugar das Mulheres Lésbicas na História

Na Grécia Antiga o sentimento dessas mulheres já era invalidado, segundo Souza e Cavalcante (2018) a verdade é que até mesmo os atenienses, consideravam as mulheres seres inferiores, excluídas do direito de sentir, como se pelo simples fato de serem mulheres não possuíssem sentimentos. Como afirma Navarro-Swain (2004, p.18) “Para os atenienses, as mulheres eram seres inferiores que não podiam ascender ao nobre sentimento do amor; seus amores eram, portanto, insignificantes. A História, em seu silêncio sobre elas, corrobora essa visão”.

Se a história não fala das relações entre mulheres, não significa que elas não tenham existido, afinal “*que seria do mundo patriarcal se as mulheres dispensassem os homens de suas camas e de seu afeto, se recusassem a ‘incontornável’ parceria masculina e a reprodução como definidoras de suas identidades*” (NAVARRO-SWAIN, 2004, p. 13). Quando observamos a história da humanidade, encontramos diversas culturas e civilizações, onde o sexo feminino não se conjugava da mesma forma que hoje, onde as mulheres sem medo, amavam umas as outras.

Na Grécia Antiga, temos como referência Safo de Lesbos, poetisa que compunha versos sobre o amor homoerótico entre mulheres, “sua poesia foi um dos mais valiosos registros acerca das relações afetivas e sexuais entre mulheres e a realidade que as cercava” (COSTA, 2011, p. 17).

De acordo com Diego e Moreno (2014), outra referência é Juana Inés de la Cruz, freira considerada a primeira feminista da América Latina. Desde a infância demonstrou interesse pelo conhecimento, aprendeu a ler e escrever e de forma autodidata, educou-se com os livros da biblioteca de seu avô em diversas áreas do conhecimento. Ela ingressou na corte vice-real e depois foi forçada a se tornar freira,

mas durante toda sua vida ela sofre duros ataques de religiosos e por causa da inquisição é obrigada a abandonar seus estudos e leituras. A trajetória dessa mulher é marcada pelo poder de sua escrita que desafia e questiona as imposições e limites da sociedade sobre o real lugar da mulher. Na juventude Juana Inés tentou se “vestir como homem” para que pudesse ter acesso à universidade e na história ela não é a única mulher a ter tal ideia (MORENO e MORENO, 2014).

Pagés (2012) em sua obra *Por andar vestida de hombre*, conta a história de Enriqueta Favez, uma mulher que se passando por homem pode ter sido a primeira e também a primeira mulher a se casar com outra mulher sob a bênção da igreja católica, um caso polêmico considerando que ainda no século XXI assumir uma identidade lésbica traz um enorme peso, um fardo maior ainda por ser mulher.

La historia de Enriqueta Favez ocurrió hace más de 200 años. Los campos de tensión en los que desde su nacimiento se movió, ya fuera en Suiza, en la Universidad de la Sorbona en París, en el Ejército Napoleónico y, finalmente, en el oriente de Cuba, así como las condiciones sociales que como un duro corsé se ceñían a su alrededor, apenas se pueden comparar con el contexto actual. No obstante, merece la pena resaltar algunos aspectos de su historia y buscar paralelismos con la vida de las emigradas modernas y otras transgresoras. (PAGÉS, 2012, p.12).

Na história, existem diversos indícios da figura feminina que são ocultados ou simplesmente ignorados, a existência de mulheres guerreiras é considerada absurda, afinal, como seria possível que mulheres tivessem a capacidade para embainhar uma espada, atirar com destreza usando arco e flecha ou se defender usando escudos. No Brasil, as mulheres conhecidas como tribades, em algumas comunidades indígenas desenvolviam as atividades masculinas e eram “casadas” com mulheres, pouco se fala dessas mulheres que espantavam e afugentavam os portugueses e eram consideradas mais perigosas que os homens. Essas mulheres têm suas representações levadas ao imaginário (CAVALCANTE, 2015).

As lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua “inclusão” como versão feminina da homossexualidade masculina. Equacionar a existência lésbica com a

homossexualidade masculina, por serem as duas estigmatizadas, é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez.

Alguns Apontamentos sobre Visibilidade

Com a pesquisa evidenciou como o silêncio foi imposto às lésbicas e também uma consequência de todo processo de invisibilidade, consequência dos traços culturais e histórico do patriarcado. O poder exercido pelo sujeito masculino não apenas invisibilizou essas mulheres em seus momentos históricos, mas tentou apagar a sua existência da história.

Foi possível refletir sobre todo o contexto histórico e social vivenciado pelas mulheres lésbicas na sociedade, caracterizando o patriarcado e também a heteronormatividade, enraizada na sociedade até a medula, compõe um aporte entre os vários desafios para mulheres, sejam lésbicas ou de outras orientações sexuais. Pondera-se que superar os obstáculos impostos pelo patriarcado pode ter sido vislumbrado como utopia diante do processo histórico, porém todas as mulheres citadas no presente trabalho, provaram estar além de suas épocas e do que se conheceu como 'padrão' de feminilidade que era exigido. Tal contexto sociocultural fomentou a invisibilidade de mulheres lésbicas na história.

Notou-se que apenas através do uso de roupas masculinas que as mulheres encontraram lugar, que pela cultura machista e misógina não pertencia a elas. Porém é importante ressaltar que o uso das roupas estigmatizou mulheres lésbico, uma vez que ficou caracterizado pelo uso de roupas masculinas ou do suposto desejo em "ser homem". É necessário compreender que essa era a única forma de se colocar em qualquer lugar que fosse na sociedade, e para além disso, era a chance que tinham pra vivenciar suas relações afetivo-sexuais, frente a uma sociedade que negava o direito às diferenças no campo das sexualidades.

Considerações finais

Com a pesquisa ficou evidenciado o lugar e o não lugar da mulher lésbica na história da humanidade, como o silêncio foi imposto e também uma consequência de todo processo de invisibilização e também construção do patriarcado. O poder exercido pelo sujeito masculino

não apenas invisibilizou essas mulheres em seus momentos históricos, mas apagou a sua existência da história em muitos contextos históricos. A trajetória histórica do sujeito feminino vem sendo marcado por diversos momentos de lutas e dificuldades que cada vez nos reforçam que ser mulher na sociedade em que vivemos já é um ato de bravura e sobrevivência. As mulheres em todos os lados estão passando e sofrendo por um comportamento oriundo dos traços patriarcalistas, assim como o patrimonialismo e a heteronormatividade.

No Brasil, o não lugar da mulher lésbica ficou muito claro na obra de NavarroSwain, onde é detalhado todo contexto da lesbianidade partindo desde as mulheres indígenas no período colonial que como dito são levadas ao imaginário, pois o padrão heteronormativo não permite a existência de mulheres que se relacionem com outras, tão pouco de forma afetiva. Na obra de Oliveira sobre a vida de Lota de Macedo podemos visualizar o lugar da mulher lésbica no cenário nacional, seria na verdade o não lugar, afinal Lota sequer é citada na história da arquitetura nacional mesmo com toda relevância e talento que possuía, o único rotulo que lhe caberia seria o de “mulher macho”, por que usava calças, dirigia seu carro, tomava suas próprias decisões e era independente e talvez seja essa característica que os homens e a própria sociedade mais temem em uma mulher. Esse ostracismo fez com que muitas mulheres se travestissem de forma masculina, na busca de alcançar lugares de destaque ou mesmo de reconhecimento no âmbito da sociedade conservadora e tradicional.

Apesar de todo o avanço humano, a cada dia que passa parece inevitável conter o avanço da onda ultra conservadora que assola o Brasil. O machismo e a misoginia se fortalecem com o discurso de ódio que é disseminado, tornando difícil a criação e execução de políticas públicas voltadas para o segmento LGBT, nesse cenário, a mulher lésbica encontra-se novamente subalternizada, esquecida e invisibilizada. A misoginia não está para uma mulher, está para todas, independente de configuração ou expressão de sexualidade. Consequências do patriarcado, do machismo, do capitalismo e de tudo aquilo que incentiva as desigualdades de gênero e propaga esse pensamento.

Faz-se necessária a busca efetiva por reconhecimento, como aponta-se nas palavras de Honneth (2003), em que urge o reconhecer do sujeito pelas vias da identidade individual, coletiva e por toda uma sociedade contemporânea.

Referências

ARMSTRONG, Karen. **Em Defesa de Deus: o que a religião realmente significa.** Companhia das Letras. Ed. 1, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e mitos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Ed. 3, 2016.

CAVALCANTE, Lidianny de Lima. **Sob o véu da homossexualidade: relações como espaço de conflito, poder e reconhecimento em Manaus.** 2015. 167 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

CARVALHO, Ária Maria Mendes; CAVALCANTE, Lidianny de Lima. **Rompendo Tabus: o reconhecimento social das famílias homoafetivas na Amazônia.** Anais do VI Seminário Internacional de Estudos sobre Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH. EUFBA: Salvador, 2012.

CISNE, Mirla. SANTOS, Silvana Mara Morais. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social.** São Paulo. Cortez. 2018.

COSTA, Zora Yonora Torres. **Safo, Foucault e Butler: a constituição do corpo político lésbico.** 2011. Fl.148. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, Lisboa, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade.** V.1; A vontade de saber. Graal ed. Rio de Janeiro, 1998.

LAURIOLA, Rosanna. **Pandora, o mal em forma de beleza: o nascimento do Mal no mundo grego antigo.** Revista Espaço Acadêmico. n 52. Set 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** ed.2 Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

MORENO, Carlos Diego ; MORENO, Lourdes Jimenez . **SÓROR JUANA: A FÊNIX MEXICANA.** Cordis. Mulheres na história, São Paulo, n. 2, p. 31-56, jun. 2014.

NAVARRO – SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PAGÉS, Julio César González. **Por Andar Vestida de Hombre**. Havana: Editorial de la Mujer, 2012.

PUGLIESE, Gabriel. **Sobre o “Caso Marie Curie” A Radioatividade e a Subversão do Gênero**, 2009. 194 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Revista Bagoas, Natal, v. 4 n. 5, pag. 17-44, 2010. Disponível em:<<http://pt.scribd.com/doc/188347855/88392921-Adrienne-Rich-Heterossexualidade-Compulsoria-e-Existencia-Lesbica>>.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos. Direito, desigualdades e diversidade. In: **Política Social no Capitalismo: tendências Contemporâneas** 2º edição. São Paulo: Cortez, 2009.